

MUNDO DIGITAL, INSTRUMENTO PARA A IGREJA LOCAL EXPANDIR O REINO DE DEUS

Ben-Eli Dias de Melo¹

RESUMO

O Reino de Deus é uma temática central nos evangelhos sinóticos. Desde o início de seu ministério público, Jesus Cristo proclama a sua chegada e convoca as pessoas a se arrependerem e crerem nas boas novas, através de palavras e gestos de igualdade, justiça e amor. Ao longo do tempo e das estações, muda-se os atores, mas o palco é o mesmo – o mundo, porém na contemporaneidade, observamos o surgimento de um novo espaço, o mundo digital. Neste contexto, como a igreja local, pode através do uso das novas ferramentas digitais – como as Redes sociais e Mídias sociais, compreender essa realidade, e através da palavra, da ética e da moral cristã propagar o “Evangelho do Reino de Deus”, sem criar uma “bolha”, e se deixar envolver pelo sistema de dominação, que pode levar a alienação, estagnação e letargia espiritual, e ao mesmo tempo potencializar o uso destas ferramentas para a propagação do Evangelho do Reino e o crescimento espiritual de seus membros.

Palavras-chave: Mundo digital; Mídias Sociais; Reino de Deus; Igreja Local.

ABSTRACT

The kingdom of God is a central theme in the synoptic gospels. From the beginning of his public ministry, Jesus Christ proclaims its coming, calling people to repent and believe in the good news through words and gestures of equality, justice and love. Over time and through the seasons, the actors change, but the stage is the same – the world, but in our time we see the emergence of a new space, the digital world. In this context, how can the local church, specifically the Baptist Church of Vilas do Atlântico, through the use of new digital tools – such as social networks and social media – understand this reality, and through the Word, ethics and Christian morals, spread the “Gospel of the Kingdom of God”, without creating a “bubble” and allowing themselves to be enveloped by the system of domination, which can lead to alienation, stagnation and spiritual lethargy, and at the same time promote the use of these tools for the spread of the Gospel of the Kingdom and the spiritual growth of its members.

Keywords: Digital world; Social Media; God’s kingdom; Local Church.

1 Bacharel em Direito pela UNINASSAU, Bacharel em Administração pela UFBA, Pós-graduado em Controladoria Empresarial pela UFS, Estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela UFBA, Graduado em Teologia pela Faculdade Latino Americana - artigo elaborado a partir da monografia - defendida na banca para obtenção do título de Bacharel em Teologia da FLAM (Faculdade Latino Americana).



INTRODUÇÃO

A compreensão do “Reino de Deus” é fundamental para a vida cristã e para a missão da igreja. No entanto, há várias interpretações sobre o que é o “Reino de Deus” e como ele se aplica na vida dos cristãos, e neste mundo pós-moderno, onde o mundo digital se tornou uma realidade que abarca a todos, inclusive a igreja, urge não apenas uma leitura crítica desta realidade, mas um chamado para ultrapassar as barreiras virtuais, e ampliar as fronteiras do Reino - parafraseando a oração sacerdotal de Jesus, na passagem de João 17:15, podemos entender claramente o nosso chamado e envolvimento neste reino, vejamos: “[...] não o peço que o tires do mundo *digital*, mas que os livres do mal.

Entendemos, assim como Melo (2013, pg. 56), que é necessário na atualidade a retomada da mensagem e experiência do reino de Deus, evitando o máximo o palavrorio apologético, voltando nossos esforços para a disciplina e implicações de ser súdito, com uma práxis de envolvimento espiritual, moral, e prático de vida cristã, em todos os lugares, no meio natural e no mundo digital.

Vale destacar, que o reino de Deus é uma temática central nos evangelhos sinóticos, desde o início de seu ministério público, Jesus Cristo proclama a chegada do Reino de Deus e convoca as pessoas a se arrependem e crerem nas “boas novas” (Mateus 4:17).

Nota-se, que nessa nova realidade apresentada pelo verbo encarnado, envolve um governante que revela um novo paradigma de poder e domínio, como depreende Ferreira e Myatt (2008, p. 1026), vejamos: “*A principal razão para uso da expressão “reino de Deus” por Jesus reside, sem dúvida, em que na nova ordem das coisas, em certo sentido - Deus é o fator supremo e controlador, tal qual um governante em um reino humano*”.

Tratando de uma nova ordem das coisas, como nos tempos de Jesus, devemos considerar o contexto histórico, econômico, político, social e tecnológico no qual a igreja local está inserida, por isso ela não pode prescindir, não apenas de usar as ferramentas das Mídias sociais e internet, como entender as dimensões do mundo digital.

Nesse sentido, corroboramos com a análise de Lott e Cianconi (2018), que deste o início do século XXI, vivemos uma revolução, relacionado a “Tecnologia da Informação”, onde a partir de 2000 houve um crescimento exponencial da propagação de dados digitais, e dos processos de informatização e utilização da rede, tanto no âmbito privado, como governamental, que foi alavancado pela popularização dos computadores pessoais e do acesso e ampliação dos serviços de acesso à internet, fenômeno que passou a se chamar web social ou Web 2.0, sob outro prisma seu avanço trata-se de uma continuidade da antiga busca da humanidade em medir, registrar e analisar o mundo.

No mundo contemporâneo, temos observado, prevalecendo o ser humano individualista, ansioso, ávido pela conectividade, e nisso o mundo digital, com as redes

sociais, multiversos, realidades alternativas, bolhas virtuais, colonialismo digital, acesso ilimitado a dados, imediatismo, nos apresenta o limiar de uma nova sociedade, ademais, com a inclusão das chamadas máquinas conduzidas pela I.A (Inteligência artificial), as mudanças ocorrem tanto no campo da subjetividade, quando das relações de poder, estado e governança de um mundo globalizado/ interconectado, nos levando a uma profunda reflexão de como compreender o ser humano a partir desta perspectiva de mundo e sua relação com o reino de Deus.

Essa análise, também é compreendida por Sousa (2013, p. 22), no seu trabalho: “Igreja Católica no Mundo Digital”, onde apresenta um extraordinário mundo novo:

A internet é uma realidade que na contemporaneidade faz parte da vida de muita gente. Não se poderia, por exemplo, hoje, tentar eliminá-la e voltar a uma época “inocente” de outrora. Até mesmo porque o próprio funcionamento do nosso mundo “primário”, dos transportes às comunicações de qualquer tipo, se baseia na existência deste mundo chamado “virtual”.
A rede mundial de computadores, hoje, é um lugar a ser frequentado para ficar em contato com os amigos que moram longe, para ler as notícias, para comprar um livro ou marcar uma viagem, para compartilhar interesses e ideias. **E, como não poderia ser diferente, compreende todas as instituições que, mais cedo ou mais tarde, não viram outra saída a não ser se inserir neste “mundo novo” – o mundo digital.**

Quando Jesus disse no Evangelho de João no capítulo 16, versículo 13 que: “[...] *no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo*” (ARC), mais do que uma palavra positiva para enfrentar os desafios do dia a dia, é um despertar para o estilo de vida como Ele transmitiu, por meio de palavras, ensino e gestos, ou seja, de: amor ao próximo, vida comunitária, empatia, fraternidade, igualdade, justiça, amor e etc. Jesus Cristo nos apresentou a experiência de viver a realidade do reino de Deus, uma experiência individual, comunitária e escatológica, ficando claro, que ao longo do tempo e das estações, muda-se os atores, mas o palco é o mesmo – o mundo.

Neste contexto, Lopes (2015) dirá que a humanidade atual deve aprender a lidar com os novos mundos e espaços que surgem (multiverso/ mundo e submundo digital), onde vivenciamos e preenchemos três espaços relacionados, mas interdependentes um do outro, o espaço físico, o mental, e agora o chamado ciberespaço (mundo digital), onde o ciberespaço está em conexão direta com o espaço físico e ultrapassa todas as barreiras, mesmo os do corpo. Todos os perfis dos usuários são publicados nas redes sociais e também nos bancos de dados de organizações públicas e privadas.

Nota-se, que muitos estudos teológicos a respeito do reino de Deus, envolvem uma dinâmica de interação do homem com a realidade que está em sua volta, inclusive o mundo digital, que se tornou uma ferramenta usual das igrejas no século XXI.

Pinheiro(2009,pg.5) diz que a sociedade humana vive em constante mudança, mudamos da pedra talhada ao papel, da pena com tinta ao tipógrafo, do código Morse à localização por *Global Positionign System* (GPS), da carta ao e-mail, do telegrama à videoconferência. Se a velocidade com que as informações circulam hoje cresce cada vez mais, a velocidade onde os meios pelos quais essa informação circula e evolui também é espantosa.

No ambiente da igreja, essas mudanças propiciadas pelo mundo digital, geram inquietações, mas, ao mesmo tempo geram um potencial enorme para propagação do Evangelho do Reino de Deus, como apregoa Sousa (2013, pg. 9), onde as relações entre *Mídia & Religião* estão sendo cada vez mais enriquecidas com estudos e trabalhos, no campo comunicacional e teológico, principalmente neste cenário complexo contemporâneo, em que os dispositivos tecnológicos, como a internet, sinalizam uma atividade específica desenvolvida pelo campo religioso a partir de estratégias singulares de captura ou manutenção dos fiéis.

O objeto de estudo, é justificado, em razão de pregações e estudos a respeito do reino de Deus no final do século XX e permanecem até hoje, os quais são estruturados, sob uma projeção futura, escatológica, que dificilmente se dissocia de uma visão apocalíptica, no sentido mais finalista da palavra, onde essa visão passiva da “volta do Senhor”, reflete também no baixo investimento em inovação tecnológica e digital por parte das igrejas locais.

Desta forma, é relevante estudar os fenômenos do mundo digital, por apresentarem uma nova dinâmica de interação com a realidade natural, na qual a igreja, enquanto comunidade, está inserida, e que não se preocupa apenas com o “porvir”, mas com o agora.

As chamadas igrejas evangélicas, e especificamente a denominação batista, antes fechadas para elementos novos da contemporaneidade, hoje grande parte delas se mostram abertas as mudanças que ocorrem na sociedade e ao mundo digital, essa nova cosmovisão, tem suas raízes no passado, com renovação de sua liturgia, de uma exegese mais aguçada em relação à ação do espírito, e de sua participação enquanto representante do reino de Deus aqui na terra.

Na década de 80-90, houve um forte avivamento dentro da denominação batista que se iniciou em 1965, e no qual houve um processo de divisão, com o surgimento da Convenção Batista Nacional, uma mudança não apenas institucional, mas de revisitar a essência da “Igreja Primitiva”, na busca pelos dons espirituais, e sobretudo de uma práxis voltada para evangelização, com grandes movimentos interdenominacionais, como o “Movimento Obra Santa”, tendo como expoentes, Pastor Rosivaldo de Araújo e Pastor Eli Dias de Melo, dentre outros, propondo uma mudança de direção, com uma igreja unida,

envolvente e voltada para a propagação do “Evangelho do Reino de Deus”, no qual Leite (2016, pg. 34) faz uma breve retrospectiva deste momento:

Depois de um período de avaliação, os batistas excluídos da CBB sentiram a necessidade de se associarem novamente para que a mensagem de renovação não se perdesse, estavam traumatizados com a saída da CBB e não suportavam ouvir o nome Convenção. Em abril de 1965 decidiram criar uma aliança evangélica. A organização era interdenominacional e abrigou sob as suas tendas, crentes vindos de outras denominações, que também haviam sido expulsos das suas igrejas de origem pelos mesmos motivos. **“Nos dias da AME, com aproximadamente 90% de batistas renovados e entrando nos tempos da Convenção Batista Nacional, tivemos os abençoados Encontros de Renovação Espiritual”. Esses encontros serviam para reforçar a comunhão e fortalecer a mensagem do movimento. Muitos desses encontros foram embalados pelo hino Obra Santa, composto em 1965 pelo Pr. Rosivaldo de Araújo.**

Neste período, outro expoente desta época, Pastor Eli Dias de Melo, no livro “Reino de Deus, Política dos Homens”, pg. 68 esclarece o nosso papel como Igreja, que de certa forma, está em consonância com o entendimento de uma igreja dinâmica e atuante em todas as áreas da sociedade:

“Depois de preparar seus discípulos, através de exemplo e palavras, **o Senhor Jesus confia-lhes a responsabilidade de implantarem na terra o governo e política dos céus.** Essa obra começou na Igreja iniciada no Pentecostes. Essa é a responsabilidade da Igreja de hoje. O Senhor ocultou-se em sua ascensão aos céus, mas não se ausentou da Igreja. Como nas sete igrejas da Ásia, o Senhor continua supervisionando as obras da Igreja do Século XXI. Algumas obras o Senhor aprova e elogia. Para muitas igrejas, entretanto, a severa advertência: “Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor” (Apocalipse 2:4).

Da mesma forma, o Pastor Rosivaldo de Araújo, em sua obra, o “Alvo Supremo do Cristianismo” - na pg. 127, nos traz luz sobre isso, ou seja, como deste o início a igreja teve de entender o contexto em que estava inserida e se adaptar, sem perder a sua identidade, observemos:

“Para um povo que teria de sair pelo mundo, **muitos costumes teriam de ser abolidos ou adaptados à nova realidade, portanto a Igreja deve estar consciente da mudança de estratégia de Deus para com a Igreja** em relação à postura de Israel no Antigo Testamento.”

A Igreja Evangélica, na contemporaneidade, em razão da evolução da Tecnologia da Informação, e mais recentemente em razão da pandemia que acelerou o processo de comunicação virtual, foi desafiada a buscar mecanismos e tecnologias da informação que permitissem a interação, acompanhamento e cuidado de seus membros, com investimento em: comunicação voltada para internet; plataformas de reunião online, e divulgação nas Mídias sociais (WhatsApp, Telegram, Youtube, Instagram, Facebook, etc.); hardware e software voltado para gravação de suas reuniões, incluindo a ministração da ceia, onde cada membro, cada família participava da liturgia, num paradoxo de estarem juntos virtualmente, mas distantes fisicamente.

Desta forma, este estudo busca compreender como a igreja local pode, por meio do uso das novas ferramentas das redes sociais, e da compreensão da realidade do mundo digital, adentrar esse território, mediante uma ética e moral cristã propagar o “Evangelho do Reino de Deus”, sem criar uma “bolha” e se deixar envolver pelo sistema de dominação, que pode levar a alienação, estagnação e letargia espiritual.

Neste contexto, a presente pesquisa tem como objetivo compreender através de um estudo de caso, como a igreja local, entende o seu papel na propagação do Evangelho do Reino de Deus, e como desenvolve a práxis pastoral a partir das mudanças propiciadas pelo mundo contemporâneo, globalizado e interconectado no mundo digital e como ela tem usado as ferramentas e Mídias sociais na “*koinonia*”² e propagação desta mensagem.

REINO DE DEUS

REINO DE DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO

O conceito do “Reino de Deus” no Antigo Testamento é uma temática complexa, e apesar do termo “Reino de Deus” não ser usado explicitamente na torá, há várias passagens que indicam a presença, domínio e a soberania de Deus sobre toda a criação, e de uma forma mais específica e prática é apresentada ao povo hebreu, ao longo da sua história, auxiliando o seu entendimento no sentido mais estrito, uma vez que seu entendimento no sentido mais amplo é uma realidade enigmática, profunda e ainda por se descortinar.

De acordo com Fobe (2019, p. 1), os ensinamentos sobre o reino de YHWH no Antigo Testamento são essenciais para a compreensão do tema no Novo Testamento. As palavras associadas ao reino de YHWH no Antigo Testamento são: rei, reinar, reinado, governo e algumas palavras correlatas em hebraico (תוער הער וודא לארשי גלמ גלומ גלמ). A sua exegese permite compreender que o reino de YHWH é contínuo desde a criação, como observamos

2 Koinonia é uma palavra de origem grega e significa “comunhão”. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/koinonia/>>. Acesso em 30/11/2023.

na passagem de Gênesis 1:1: “No *princípio*, Deus criou os céus e a terra.” (NVI) Este versículo estabelece a soberania de Deus como Criador de todo o universo.

Já para Neto (2020, págs. 7-8) são poucos os casos no antigo Testamento em que a palavra *malkut* [מַלְכוּת] denota um reino no sentido espacial, um território; quase sempre quer dizer o poder de reinar, a autoridade, o poder dum rei”. Assim, pode-se perceber em diversos textos o uso do termo *malkut* enquanto um poder, ou mesmo o tempo de regência de uma determinada pessoa.

O mesmo autor, elucida haver textos valiosos que relacionam o termo a Deus, especialmente nos Salmos. Se o uso de “Reino de Deus” é raro, a ideia de Deus como rei (*melek*), com seu trono e governando as nações é recorrente no Antigo Testamento, especialmente nos Salmos que estão repletos desses temas: “Deus reina [רְלוּם מִיְהוּא] sobre as nações; Deus está sentado em seu santo trono [שׁוֹי מִיְהוּא] (Sl. 47.8); “O Senhor vai reinar [רְלוּמִי מִיְהוּא] para sempre e sempre” (Êx. 15.18).

Já para Ferreira e Myatt (2008, p. 1025), no Antigo Testamento a realidade do reino de Deus sempre esteve presente, como no Salmo 103.19, que revela a realidade do Reino: “Nos céus, o Senhor estabeleceu o seu trono, e o seu reino domina sobretudo.” (NAA), ou seja, sobre todos os aspectos da criação – inanimados, animados e humanos”. Para o autor, o reino de Deus permanece inalterado, embora tenha sido desafiado pelos pecados de Israel e Judá e outras nações pagãs, porém Deus permaneceu fiel a sua aliança, que fez com Adão, Abraão, Moisés e Davi, exibindo tanto o seu amor como a sua ira (cf. Dt. 27-28). Os reinos estabelecidos no antigo testamento receberam a expressão simbólica, temporária e limitada, porém concreta, na monarquia teocrática de Israel, apontando para um futuro dramático, esplendoroso e definitivo.

O doutrinador Ryrie (2003, pg. 460) elucida que no pensamento judaico, o conceito de reino universal, no qual Deus atua como governante do mundo inteiro, passa pelo entendimento que conceito de Reino começou com Adão, mas foi desconfigurado quando o pecado entrou no mundo, e no momento que Israel aceitou a lei mosaica, esse reino foi reestabelecido, embora a rebelião tenha surgido quase que imediatamente (bezerro de ouro) e repetidas, durante toda a história de Israel. Apenas o remanescente fiel reviveu o reino. E somente o messias poderia trazer a realização completa desse reino.

Desde o início as profecias revelavam um direcionamento para um governo divino sobre Israel como em Êxodo 19:5-6: “Agora, se vocês obedecerem à minha voz e guardarem a minha aliança, serão o meu tesouro pessoal dentre todas as nações, porque toda a terra me pertence. Vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa.” (NVI) Nessa passagem, Deus estabelece Israel como um povo especial sob Seu governo.

Em outro momento, vemos uma revelação no antigo testamento como uma mensagem imediata de esperança na restauração a unidade nacional, perdida pela divisão

de Israel em reino do norte e do sul, governando sobre tudo e todos, acima de governos humanos ou sobrenaturais, que o homem pode refletir o seu reino quando põe em prática a sua justiça e prevê a vinda futura do Messias de Israel, implantando em definitivo a unidade do governo cível e religioso, como retratado em Amós 9:11-12: *“Naquele dia, levantarei a tenda caída de Davi. Consertarei as suas brechas e reedificarei as suas ruínas. Eu a reerguerei como nos dias antigos, para que o meu povo conquiste o remanescente de Edom e todas as nações que são chamadas pelo meu nome”,* declara o SENHOR, *que realizará essas coisas.”* (NVI). Aqui, o profeta Amós fala de uma restauração do reino de Davi.

O profeta Isaías no capítulo 9 versículos 6-7, apresenta um sentido de reino que se inicia a partir do cumprimento da vinda do Messias com atributos divinos, mas que tem os pés do seu trono, a partir deste mundo, ou seja, um governante que atua nessa realidade, mas que tem um modelo de governança que não se assemelha a nenhum reino humano, vejamos: *“Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz. O seu governo e a paz não terão fim. Ele reinará sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, estabelecendo-o e sustentando-o por meio do direito e da justiça desde agora e para sempre.”* (NVI)

Essa expectativa é conhecida da cultura e doutrina judaica, e na torá apresentada como o “Dia do Senhor”, no qual o profeta Miquéias no capítulo 4 versículos de 1 a 5 revela: *“Nos últimos dias, o monte do templo do Senhor será estabelecido como o principal; será elevado acima das colinas, e povos irão a ele. [...] Ele julgará entre muitos povos e resolverá contendas de nações poderosas. Eles transformarão as suas espadas em arados e as suas lanças em foices. Não mais se treinarão para a guerra.”* (NVI) Este é um vislumbre do futuro reino de Deus, onde a paz reinará sobre a terra.

Essas passagens do antigo testamento indicam a presença e a soberania de Deus sobre Seu povo e a expectativa de um futuro Reino de Deus, onde a justiça e a paz serão estabelecidas de maneira definitiva. O conceito de “Reino de Deus” no antigo Testamento prepara o terreno para o desenvolvimento do conceito no novo Testamento, onde Jesus Cristo é frequentemente identificado como o Messias que inaugura o reino de Deus na terra.

Como demonstrado, a análise exegética e aplicação hermenêutica da temática do “Reino de Deus” no antigo testamento possibilita a identificação do *sensus plenior*³ do significado do reino nas escrituras de maneira integral.

3 O *sensus plenior* é aquele significado adicional, mais profundo, pretendido por Deus, mas não claramente pretendido pelo autor humano, que se vê existir nas palavras dos textos bíblicos (ou um grupo de textos, ou mesmo um livro inteiro) quando eles são estudados à luz de revelação ou desenvolvimento adicional na compreensão da revelação. WOOD, Alice. Categoria: Dicionário Bíblico. Disponível em: <<https://circulodeculturabiblica.org/tag/sensus-plenior/>> Acesso em 20/11/2023.

Nesse sentido, a hermenêutica das palavras reino de Deus no antigo testamento nos permite admitir a projeção hermenêutica para o novo testamento, por meio de uma tensão dialética entre uma ação parcial do reino, e que se amplia a partir da ação transformadora social da “Igreja Primitiva” inicialmente, e sua inserção na sociedade através de valores ético-morais consistentes da igreja ao longo da história, que se ampliará a partir de uma implantação messiânica restauradora definitiva por ocasião da *parousia*.

REINO DE DEUS NO NOVO TESTAMENTO

O reino de Deus no novo testamento é destacado como o motivo da encarnação do Logos⁴ e o tema predominante de ensino do Cristo. Foi o único evangelho pregado por Ele. Em Marcos, são as primeiras palavras inaugurando a sua pregação, na Galileia em Marcos 1:15, fica evidente: *Cumpriu-se o tempo e está chegando o Reino de Deus; arrependei-vos e crede no Evangelho.* (KJA)

A apresentação do reino de Deus na maioria das vezes vinha acompanhada da palavra “Evangelho” que significa “boa mensagem”, “boa notícia” ou “boas-novas”, derivada da palavra grega “*euangelion*” (eu, bom, - *angelion*, mensagem). Essa ideia é passada desde o nascimento de Jesus, quando os anjos proclamam as boas novas: “*Mas o anjo lhes disse: “Não tenham medo. Estou lhes trazendo boas novas de grande alegria, que são para todo o povo: Hoje, na cidade de Davi, lhes nasceu o Salvador que é Cristo, o Senhor.* (Lucas 2:10,11 - NVI)

No novo testamento, o reino de Deus utiliza a expressão em grego - “*Basileia tou theou*”, que designa um governo ou domínio. Neste contexto, sua interpretação é direcionada para um Deus soberano, ou governante supremo. João Batista inicia o ministério anunciando: “*E, naqueles dias, apareceu João o Batista pregando no deserto da Judéia, E dizendo: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus*” (Mateus 3:1,2 - ACF).

De acordo com Melo (2013, pg. 40), no novo testamento as referências diretas, fora as alusões, aparecem mais de cinquenta vezes nos evangelhos. Somente Mateus, menciona o “reino dos céus” trinta e duas vezes, já Marcos e Lucas usaram “reino de Deus”. Ambos os termos apareciam frequentemente em narrativas paralelas da mesma parábola, no qual podemos comparar: Mateus 11:11-12 com Lucas 7:28; Mateus 13:11 com Marcos 4:11 e Lucas 8:10; Mateus 13:24 com Marcos 4:26. Claramente, as duas frases referem-se à mesma coisa.

Para os judeus, o “Evangelho do Reino de Deus”, era uma mensagem nova, e mais, o reino de Deus e/ou dos céus, também trazia uma mensagem instigante, surpreendente e de confrontação, pois apesar dos judeus conhecerem as profecias de um reino especial

4 O Logos (em grego λόγος: PALAVRA), no grego, significava inicialmente a palavra escrita ou falada – o Verbo. Mas a partir de filósofos gregos como Heraclito passou a ter um significado mais amplo. Logos passa a ser um conceito filosófico traduzido como razão, tanto como a capacidade de racionalização individual ou como um princípio cósmico da Ordem e da Beleza. Institucional. Significado logos. Disponível em: <<https://institutologos.com.br/significado-logos/>>. Acesso em 01/12/2023.

(Isaías 2:1-4; Isaías 9:6-7; Isaías 11; Daniel 2:44), eles não podiam entender um reino que não viesse com muita força, sobrepujando todos os inimigos, restaurando Israel a época gloriosa de Davi e Salomão, ou que fosse regido por um príncipe que tivesse o poder de preparar um numeroso exército de guerreiros da estirpe de valentes de Davi

Segundo Morris (2012), “o Reino de Deus é a soberania de Deus sobre a terra, um reinado espiritual e moral que é uma realidade presente, mas que ainda não se manifestou plenamente”. Essa interpretação considera o contexto judaico do evangelho de Mateus, no qual o povo judeu aguardava a chegada do messias e a instauração do reino de Deus na terra.

Eles também esperavam um rei que viesse com um poder divino, como no episódio em que Elias orou a Javé, e fogo veio dos céus e consumiu os profetas de Baal, ou seja, um reino que destruísse os inimigos mais resistentes. Desta forma, eles tinham um padrão que não se relacionava com o padrão que Jesus como governante representava, pois Ele era o carpinteiro de Nazaré, o Manso e Humilde de coração, sem teto e sem onde reclinar a cabeça, pois o Reino não tinha um território, não era visível. Jesus para ensinar sobre o Reino de Deus, usou em sua pedagogia diversas parábolas, mas eles não conseguiam compreender esse Reino, pois era bem diferente do padrão da fantasia judaica.

Para Horsley (2004, pg. 19-20), Jesus fez a proclamação do Reino, praticando o Reino, ou seja, através das curas, exorcismos, alimentação de massas, e em ensinamentos relacionados com a aliança. Para ele, a expressão “reino de Deus”, tinha dois aspectos bem amplos: o reino de Deus como julgamento dos governantes e o reino de Deus como julgamento de Israel, ou seja, como profeta, Cristo proclamou a condenação divina dos governantes, em razão de sua clara visão da opressão político-econômica que o povo vivenciava, e ele expressa isso quando lê na sinagoga o texto de Isaías 61:1,2: “O espírito do Senhor DEUS está sobre mim; porque o SENHOR me ungiu, para pregar boas novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos; A apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os tristes;”. (ACF)

Essa passagem que o Evangelho de Lucas mostra o cumprimento da profecia do *Mashiac*, que trata de uma realidade espiritual no qual o povo vivia, mas ao mesmo tempo, apresenta o lado construtivo deste reino, em que ele proclama para uma nova ordem social, e uma alternativa de cooperação e justiça social livre das opressões, papel esperado da nação de Israel no antigo testamento, mas que se perdeu ao longo do tempo, até a chegada do messias, numa nova dimensão, inclusiva e expansiva.

Nota-se, que alguns estudiosos utilizam a “teoria da política do Reino” para enfatizar a dimensão social e política do conceito de Reino de Deus. Segundo Sobrino (2000), o Reino de Deus é uma realidade social, política e histórica, que deve ser construída pelos

seres humanos em cooperação com a ação divina. Nessa abordagem, o Reino de Deus é visto como uma utopia social, que se realiza através da ação conjunta dos seres humanos em busca da justiça e da solidariedade.

Os judeus, o povo, os discípulos não entenderam a mensagem do “Evangelho do Reino” de imediato, mas Jesus teve a paciência de ensinar, e durante todo o seu ministério apresentou de forma clara e prática esse ensinamento, em muitas ocasiões usou parábolas. O ensino por parábolas já era um método usado no Antigo Testamento, temos a “parábola de Jotão”, em Jz. 9:8-15; A “parábola da panela”, em Ez. 24:1-14. O salmista declara: “*Inclinarei os meus ouvidos a uma parábola*” (Sl. 49:4 - ARA); “*Abrirei os meus lábios em parábolas*” (Sl. 78.2 - ARA). O profeta Ezequiel era conhecido como “proferidor de parábolas” (Ez. 20:49). As parábolas no Novo Testamento estão nos Evangelhos de: Mateus 13, Marcos 4 e Lucas 8 e 13.

Ferreira e Myatt (2008, p. 1030), dirá que na parábola do semeador, quando ele trata da semente que cresce secretamente, do joio entre o trigo, do grão de mostarda, da levedura, Jesus está instruindo seus discípulos sobre o aspecto oculto do reino (Mateus 13): “O Filho do homem, que virá dos céus nas nuvens, é o semeador que semeia a palavra de Deus. Na parábola, as aves, os abrolhos e os seres humanos podem frustrar parcialmente sua obra, mas precisa esperar o resultado da sementeira.

O Pastor Eli Dias de Melo na obra, Reino de Deus e Política dos homens, na página 44, clareando a parábola do “Bom fermento”, vai dizer que o reino de Deus é o bom fermento, é ágape de Deus, age devagar, mas eficiente, onde não pode falar, vive. O amor traduz-se na atitude em defesa dos oprimidos. A atuação real, substitui a pregação verbal. Essa pregação que pode ser silenciada. Possui passaporte diplomático. É aceita em todo mundo.

Todas as parábolas do Reino de Deus têm por finalidade explicar que a estrutura do reino de Deus difere das coisas humanas, que o reino de Deus súbito está presente, inexplicável e age poderosamente, em meio aos sinais precursores da obra de Cristo Jesus.

Jesus não apenas ensinou os discípulos a orar, de forma íntima com Deus (Aba Pai, que significa paizinho) oração do “Pai Nosso”, como está escrito em Mateus 6:9-13 e Lucas 11:2-4, como ensinou que seus discípulos buscassem esse Reino: “...venha o Teu Reino; faça-se a sua vontade, assim na terra como no céu... (Mt 6:10 - ARA)”.

Nesse sentido, para Melo (2013, pg. 56), o reino tem dois aspectos. No sentido presente, se manifesta onde quer que Ele seja adorado e seguido, e está presente nos corações onde Deus reina. No final dos tempos, o reino virá de modo completo ao mundo, quando Deus vencer o último inimigo, por ocasião da volta de Cristo, conforme os textos de II Tessalonicenses: 2:8 e I Coríntias 15:23-28.

No estudo dos sinóticos, fica claro, que só Deus pode estabelecer Seu próprio reino, com base na Oração do Pai Nosso, no qual Jesus declara: “...pois Teu, é o Reino, o Poder e a

Glória para sempre amém”. Como já abordado, durante seu tempo aqui na terra, Jesus esteve envolvido numa atividade intensa de socorro aos doentes, oprimidos e sem esperanças. Ele leu na sinagoga sua missão, sua proposta de implantação do Reino de Deus: “O Espírito do Senhor é sobre mim, Pois que me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados de coração, A pregar liberdade aos cativos, E restauração da vista aos cegos, A pôr em liberdade os oprimidos, A anunciar o ano aceitável do Senhor” (Lucas 4:18,19 - ACF).

Quando estudamos as várias aplicações do Reino de Deus no novo testamento, além deste aspecto prático e de agência, temos a concepção escatológica. Valentim e Linden (2004, pg. 01), vão apresentar a visão de um dos pais da igreja sobre o reino de Deus – Agostinho de Hipona (354-430), que em sua obra – “A Cidade de Deus”, vai propor uma visão de história que reconhece a ação de Deus na manutenção da Sua cidade, edificada ao lado da cidade do mundo. Agostinho trata dos textos bíblicos referentes ao fim do mundo e à inauguração do reino de Deus. Para ele, o texto chave é o vigésimo capítulo do livro de Apocalipse, que anuncia um tempo de mil anos em que Satanás é aprisionado. Agostinho interpreta o “milênio” de forma não literal, no que se refere à duração, como sendo o tempo em que Satanás, dominado por Cristo, somente tem domínio sobre os que rejeitam a governo de Deus. Neste tempo os cristãos continuam a viver na sociedade, estando no mundo, mas não pertencendo a ele, pois sua ligação é com a cidade de Deus.

Ryrie (2003, pg. 460) falará da forma misteriosa do reino, para ele, em Mateus 13, Cristo revelou os mistérios relativos ao conceito de reino, uma vez que Jesus disse aos discípulos certas coisas sobre o reino que eram previamente desconhecidas, logo, essa ideia de reino começou quando o Senhor iniciou os seus ensinamentos e terminará por ocasião de sua segunda vinda, onde o governante é Deus, e os governados são as pessoas da Terra que se relacionaram de maneira positiva, neutra ou negativa com a cristandade.

Para Melo (2014, pg. 42-44) a abrangência do reino não está adstrita ao tempo e espaço, pois para ele o Reino de Deus é uma experiência individual, onde no homem, Jesus começa a retomada do seu reino; é uma experiência comunitária, por nascer da comunhão de deus súditos, sendo a igreja quartel e família; é também uma realidade escatológica, que será plenamente consolidada no futuro. Neste sentido, para ele, a vinda de Jesus para levar a igreja, não deve ser abrigo para ociosos, mas esperança para aqueles que lutam para pregar o evangelho do reino e a mensagem da graça de Cristo. Neste sentido, o melhor lugar para aguardar o retorno do Senhor, não é o mosteiro, é o moinho.

Compreender a natureza do reino de Deus, seu governante, sua plataforma de governo, seu território, sua cultura, sua cosmovisão, sua língua, seu código normativo, seu povo, exigindo um esforço que extrapola o estudo exegético e hermenêutico do antigo e novo testamento, e perpassa por um mergulho nas ações do Cristo encarnado, na forma como ele inaugurou esse reino, e como projetou que seria internalizado e ampliado a partir da ação daqueles imergiram em seus ensinamentos, e emergiriam de sua velha natureza,

para o despertar de uma nova realidade, como apregoa o apóstolo Paulo na carta aos Efésios 4:22-24: “Quanto à antiga maneira de viver, vocês foram ensinados a despir-se do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos, a serem renovados no modo de pensar e a revestir-se do novo homem, criado para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da verdade.” (NVI)

Apesar da capilaridade que envolve o reino de Deus, Couto (2006, p. 380), sintetiza em um só ponto, para ele o reino de Deus não é um conceito, uma doutrina, um programa sujeito a livre elaboração, mas é, acima de tudo, uma Pessoa, com um rosto, e um nome – Jesus de Nazaré, “imagem do Deus invisível” (Colossenses 1:15). Na qual a sua definição mais densa e rigorosa, pode ser vista na Carta Apostólica *Redemptoris Missio*⁵ [=RM], no 18. Lembra a genial fórmula de Orígenes, que se encontra no seu Comentário sobre o Evangelho segundo Mateus; Jesus é a *autobasiléia*, a personificação do reino.

Em outro ponto, após enumeramos alguns conceitos que ao longo da história da igreja foram construídos sobre o reino de Deus, fica notório, que a igreja não é o reino de Deus, mas sua sucursal, e por ser a assembleia daqueles que receberam o evangelho do mediante a fé, e a presença do Espírito Santo por obra do novo nascimento, se tornam representantes deste reino, cuja cidadania, conduzem ao dever de tornar visível o reino invisível – sendo luz do mundo, e sal da terra.

E como agentes deste reino, não podem estar alienados a realidade que os circunscrevem, devendo usar de todos os meios para propagação do evangelho do reino de Deus, inclusive os meios digitais, cuja abrangência envolve tanto mundo natural, quanto o *mundo digital*.

MUNDO DIGITAL

MUNDO DIGITAL E O SEU ALCANCE

O mundo digital representa um sistema complexo e em constante evolução, que influencia e atinge praticamente todos os aspectos da vida contemporânea, inclusive da igreja local, pois sua construção está relacionada ao universo virtual criado pela interconexão de dispositivos eletrônicos, sistemas de informação e a vasta rede global de computadores conhecida como a Internet, que apresenta uma capilaridade que alcança desde o mais alto executivo da Wall Street, ao simples pastor da igreja local de uma comunidade ribeirinha, ou do sertão nordestino.

5 Redemptoris Missio é uma encíclica do Papa João Paulo II, publicado no dia 7 de dezembro de 1990, dedicada ao tema da “urgência da actividade missionária” e da “validade permanente do mandato missionário” [1]. Nesta carta, o Papa desejava “convidar a Igreja a renovar o seu compromisso missionário”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Redemptoris_Missio> Acesso em 15/11/2023.

Ele existe no ambiente da rede, logo está intrinsecamente vinculado com origem da internet, que ocorreu a partir da “guerra fria”, nos fins dos anos 60, inicialmente para fins militares, posteriormente usado para fins civis, por universidades americanas, em especial por alunos como canal de divulgação, troca e propagação de conhecimento científico.

Pinheiro (2009, p. 17), retrata que em 1987 temos o grande marco temporal da tecnologia da informação, quando foi aberta a possibilidade do uso da internet para fins comerciais, onde na década de 90 ocorreu a grande expansão da rede através da disponibilização de recursos e facilidades de acesso e transmissão, que vão desde o correio eletrônico (e-mail) até o acesso a banco de dados e informações disponíveis na *Word Wide Web* (WWW), seu espaço multimídia.

A internet consiste na interligação de milhares de dispositivos do mundo inteiro, interconectados, mediante protocolos de IP (abreviação de *Internet Protocol*). Essa interligação é possível porque utiliza um mesmo padrão de transmissão de dados. A ligação é feita por meio de linhas telefônicas, fibra ótica e satélite, ondas de rádio e infravermelho. A conexão do computador com a rede pode ser direta, o através de outro computador, conhecido como servidor. O usuário navega na internet por meio de um *browser*, programa usado para visualizar páginas disponíveis na rede, que interpreta as informações do *website* indicado, exibindo na tela dos usuários textos, sons e imagens.

Da transmissão de pacotes de dados simples, evoluímos para a transmissão de áudio e vídeo, ou seja, conteúdo multimídia. Hoje temos transmissão simultânea em aparelhos de TV, telefones celulares, *palm tops* e outros dispositivos multimídia. A tendência é que haja uma convergência no futuro, onde todos os aparelhos eletrodomésticos e eletrônicos da casa estejam interligados (geladeira, fogão, máquina de lavar, tv, etc.) – tecnologia que já está presente na casa de alguns mais abastados.

Feito esse breve relato histórico e de evolução da tecnologia da informação, em especial da internet, podemos contextualizar em que momento a igreja passou a utilizar esse recurso.

De acordo com Siqueira (2008, pg. 11), o mundo digital é lógico e mantém uma ampla rede, onde todas as formas de comunicação e informação – como sons, voz, dados, gráficos, textos, vídeo, fotos imagens eletrônicas, são representadas por *bits* as menores unidades binárias de informação, onde *bit* é a forma abreviada ou reduzida do inglês – *binary digit* – que significa dígito binário.

Desde o final do século XX, o processo de comunicação da sociedade, passou a ser conduzido também pela linguagem binária dos computadores, das telecomunicações digitais, onde todas as formas de conteúdo acabam se fundindo ou convergindo, em três grandes áreas: computadores, comunicações e conteúdo.

Desta forma, o que circunscreve e alimenta o mundo digitalizado, é desmaterializado, fragmentado, onde o fluxo de dados (bits) navega nas redes telemáticas (telecomunicações + informática), armazenando memórias eletrônicas, recriando e recombinaando múltiplas interfaces, ou seja, telas de computadores, terminais de bancos, telinhas de celulares, expansão que envolve a todos na modernidade, inclusive a igreja.

Muitas organizações, governos, utilizam a I.A (inteligência artificial) para gerenciar essa grande volume de dados, aparentemente insensível (ou não senciente), mas que não está desprovida das impressões digitais daqueles que ao simples *teclar* ou toque, podem levar há uma resposta ou pergunta, a uma direção, ou alienação, ou seja, quem está do outro lado da tela, não é desprovido de uma biografia, de uma natureza, seja por impulso, condicionado ou não, suas ações estão revestidas da capacidade de pensar, escolher e de viver, mesmo num mundo digital.

É relevante, compreender que a tecnologia como instrumento de mudança social, está inserida desde os primórdios da sociedade, Pinheiro (2009, págs. 13-14) explora isso, ao dizer que a necessidade de instrumentos que auxiliassem o homem a processar informações, em apoio a suas funções mentais naturais, não é recente. Pode-se dizer que remonta aos antigos pastores que utilizavam pedras para contabilizar o rebanho – sendo essa a figura representativa dos primórdios do processamento de dados. O *ábaco*⁶ foi inclusive o primeiro instrumento utilizado para responder a essa demanda de controle inicial.

No século XXI, pastores de igrejas tradicionais ou não, contabilizam os inscritos nas redes sociais, as visualizações das postagens, quando não os “likes” que recebem por vídeos de seus cultos, é uma prática usual de qualquer instituição, mas urge um olhar crítico quando a mensuração destes dados, e os resultados efetivos alcançados na propagação do evangelho na vida das pessoas, sobretudo espiritual, e o propósito do conteúdo disponibilizado.

A ascensão do mundo digital transformou a maneira como interagimos, comunicamos, aprendemos e conduzimos nossa vida cotidiana. Facilitou a disseminação rápida de informações e conectou pessoas de diferentes partes do globo de maneiras antes inimagináveis. Além disso, trouxe consigo novas oportunidades e desafios, moldando a economia, a cultura e a sociedade de maneira profunda.

Da Costa (2013) vai destacar, que é preciso perceber a necessidade de anunciar a Cristo através de uma nova linguagem, inserindo-o dentro de uma nova cultura e de um novo ambiente, o da cibercultura e do ciberespaço.

6 “O ábaco é um objeto de madeira retangular com bastões na posição horizontal, eles representam as posições das casas decimais (unidade, dezena, centena, milhar, unidades de milhar, dezenas de milhar, centenas de milhar, unidades de milhão), cada bastão é composto por dez “bolinhas” Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/historiag/abaco.htm>> Acesso em 03/12/2023.

Mas existe mesmo um mundo digital e um mundo real? O mundo digital não é real e mundo real está separado do digital? Sobre o cerne da internet, conceitua Spadaro:

As recentes tecnologias digitais não são mais somente tools, isto é, instrumentos completamente externos ao nosso corpo e à nossa mente. A Rede não é um instrumento, mas um ambiente no qual vivemos. Talvez até mais, sendo um verdadeiro tecido interligado da nossa experiência da realidade. (SPADARO, 2012, p. 05)

A inovação tecnológica continua a impulsionar o desenvolvimento de novas soluções e serviços, criando um ambiente dinâmico e em constante evolução. Explorar e compreender o mundo digital é essencial para participar plenamente da sociedade contemporânea, e a igreja está incluída neste contexto. Com a crescente integração da tecnologia em nossas vidas diárias, é imperativo estar ciente das oportunidades e dos riscos associados a este vasto e interconectado - mundo digital.

De acordo com Brustolin (2016, pg. 512), o ser humano está fortemente marcado pela cultura cibernética, e a Igreja, para quem nada do que é humano lhe é estranho, precisa estar, cada vez mais, próxima desse meio. A internet está modificando o modo de viver e interpretar a realidade, alterando os relacionamentos e a comunicação com o mistério, em muitos casos em ministérios.

Neste sentido, há uma imposição na contemporaneidade para a igreja navegar no mundo digital, mantendo-se conectados com uma cultura da proximidade e da amizade. Apesar do fluxo enorme de informações em todas as áreas, inclusive no ambiente teológico.

Em sentido estrito, a igreja pode usar a internet como ferramenta de comunhão, instrução e condução do rebanho, mas ela deve ficar atenta, para perceber se o conteúdo disponibilizado alcança o seu propósito: seja no cuidado espiritual, seja na divulgação do evangelho.

Nota-se, que há muito conhecimento e pouco fundamento, pois quem navega nem sempre tem condições de avaliar e interpretar o que acessa. Atualmente, há uma oportunidade para testemunhar e viver uma fé genuína, capaz de dar sentido à vida e propor uma ética que respeite a alteridade numa profunda conexão com Deus, a partir da gestão das ferramentas digitais, focando no cuidado com o conteúdo disponibilizado, e entendimento do seu alcance na vida da comunidade local.

As igrejas locais, as comunidades cristãs podem via internet, ou seja, no mundo digital, discutir: estilos de vida; testemunhos pessoais; experiências vividas; ideias; costumes e doutrinas, além de possibilitar o estudo da palavra e orações. Tudo pode ser colocado sobre a mesa, ou melhor, sobre a tela, no entanto, apesar deste ambiente favorecer a

construção de múltiplos significados intersubjetivos, estes, por si, não podem adquirir um valor absoluto. Apesar do alcance do mundo digital na sociedade, na vida das pessoas, na vida da cristandade, é relevante entender como meio para a propagação do evangelho do reino de Deus, este sim, absoluto.

FERRAMENTAS DO MUNDO DIGITAL

As ferramentas digitais compõem o mundo digital, em sua estrutura são mecanismos de software, aplicativos ou recursos tecnológicos utilizados para facilitar ou aprimorar tarefas, processos ou atividades no ambiente digital, por isso, são projetadas para auxiliar na realização de diversas funções, desde a comunicação e colaboração até o desenvolvimento de software, análise de dados, design gráfico e muitas outras finalidades.

Essas ferramentas podem abranger uma ampla variedade de áreas, incluindo: Comunicação e Colaboração; Desenvolvimento de Software; Design e Multimídia: Análise de Dados e Business Intelligence; Marketing Digital: Gestão de Projetos e Tarefas; Educação e E-Learning; Hospedagem e Nuvem; Segurança Digital e Redes Sociais e Mídias Sociais;

Essas são apenas algumas das muitas categorias de ferramentas digitais disponíveis, no entanto, focaremos nas Redes Sociais e Mídias sociais, pois especificamente é a ferramenta mais utilizada pelas igrejas locais, sendo objeto de estudo deste trabalho.

REDES SOCIAIS E MÍDIAS SOCIAIS

A humanidade está nas mídias sociais, logo a igreja também deve estar, afinal Jesus foi enfático quanto a mobilidade e áreas da sociedade que a cristandade deve estar, Ele disse no evangelho de João, capítulo 17, versículo 15: “*Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal*”, ou seja, uma presença integral e em todas as áreas da sociedade. Uma igreja com presença ativa na mídia social mostra que entende como sua comunidade passa seu tempo, e vive os hábitos e a cultura da modernidade (cibercultura).

De acordo com Campolina (2019), as mídias sociais se tornaram um dos principais meios de comunicação das novas gerações, e nelas se pode alcançar milhões de pessoas em poucos minutos. Dessa forma, a mídia social é hoje o melhor caminho para as igrejas alcançarem novos membros.

Com uma boa estratégia, é possível criar conteúdo de valor, construir relacionamento, gerar engajamento e enviar pessoas ao site oficial, fazendo a igreja crescer e se tornar uma autoridade.

Já existem igrejas que, por meio das mídias sociais, criam grupos, transmitem seus cultos, sermões e celebrações, divulgam suas programações e eventos, realizam cursos, palestras, podcasts e programas de rádio, permitindo que todos acompanhem o dia a dia da congregação, independentemente do local onde estão.

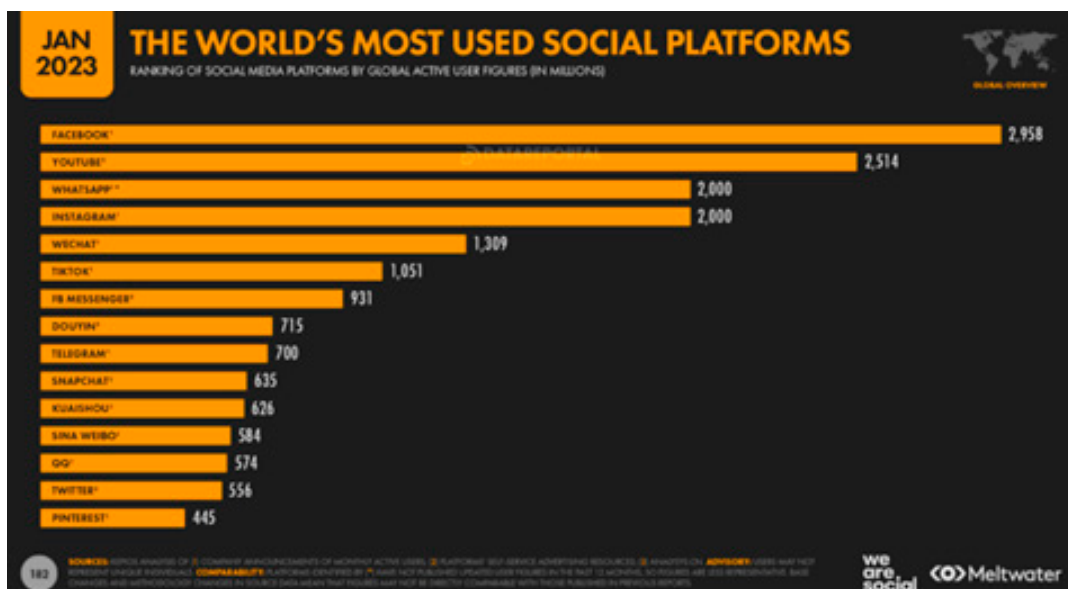
As Redes Sociais e Mídias Sociais, em síntese, são plataformas para interação, compartilhamento de conteúdo e networking, mas de acordo com Rodrigues (2023), há uma diferença entre redes sociais e mídias sociais, pois Mídia Social faz uso de tecnologias digitais para criar o diálogo entre pessoas, sendo termo amplo, que abrange diferentes mídias, como vídeos, blogs e as próprias redes sociais. Para entender o conceito, podemos olhar para a mídia antes da existência da internet, usada em rádio, TV, jornais e revistas; por sua vez Rede Social é uma estrutura social formada por pessoas e marcas que compartilham interesses similares e recorrem a diferentes formatos de conteúdo.

O propósito principal das redes sociais é o de conectar pessoas. Você preenche seu perfil e interage com as pessoas com base nos interesses que possui. Pode-se dizer que redes sociais são uma categoria das mídias sociais.

De acordo com Rodrigues (2023), há aproximadamente 4,7 bilhões de usuários ativos nas redes sociais no mundo todo em 2023. No Brasil, a pesquisa Digital 2023 mostra que 70% da população do país acesa as redes sociais ao menos uma vez por mês. Outro dado interessante é que o Brasil foi apontado como o segundo país em que as pessoas passam mais tempo nas redes sociais. A média diária de uso das redes por usuário é de 3h46min, deixando o país atrás apenas da Nigéria, que possui a média de 4h36min.

O gráfico abaixo mostra os números atualizados que soma o total de usuários que cada rede possui:

Figura 1 – Gráfico das Redes Sociais mais acessadas no mundo



Fonte: Portal Daterportal⁷

7 O DataReportal é um site especializado em relatórios da internet. Disponível em: <<https://datereportal.com/reports/digital-2023-brazil>>. Acesso em 01/11/2023.

As 10 redes sociais mais usadas no Brasil em 2023 são: 1º WhatsApp (169 milhões); 2º YouTube (142 milhões); 3º Instagram (113 milhões); 4º Facebook (109 milhões); 5º TikTok (82 milhões); 6º LinkedIn (63 milhões); 7º Messenger (62 milhões); 8º Kwai (48 milhões); 9º Pinterest (28 milhões); 10º Twitter (24 milhões), é relevante fazer um rol conceitual destas ferramentas digitais, para a continuidade deste trabalho e análise de uso da igreja local que pesquisamos, segue:

WhatsApp: Um aplicativo de mensagens instantâneas que permite aos usuários enviar mensagens de texto, voz, vídeo e imagens, além de fazer chamadas de voz e vídeo;

YouTube: Enquanto não é uma rede social no sentido tradicional, é uma plataforma de compartilhamento de vídeos amplamente utilizada para upload e visualização de vídeos em uma ampla variedade de categorias;

- ♦ **Instagram:** Uma plataforma focada em compartilhar fotos e vídeos curtos. É conhecida por sua ênfase na estética visual e é muito popular entre os jovens;
- ♦ **Facebook:** Uma das redes sociais mais populares e amplamente utilizadas, que permite aos usuários conectar-se com amigos, familiares e colegas, compartilhar fotos, vídeos, links e atualizações de status;
- ♦ **TikTok:** Uma plataforma de compartilhamento de vídeos curtos, muitas vezes com elementos musicais e de entretenimento. Ganhou popularidade especialmente entre os jovens;
- ♦ **LinkedIn:** Uma rede social profissional focada em conexões de negócios e carreiras. É usado para networking, busca de empregos e compartilhamento de conteúdo profissional.
- ♦ **Messenger:** é um mensageiro instantâneo e aplicativo (app) que fornece texto e comunicação por vídeo, usado pelo Facebook;
- ♦ **Kwai:** é um aplicativo móvel de compartilhamento de vídeos curtos dos usuários, uma rede social e, um editor de efeitos especiais em vídeos
- ♦ **Pinterest:** Uma plataforma de compartilhamento de imagens que permite aos usuários “fixar” imagens e links em seus próprios painéis virtuais organizados por interesse.

Essas novas tecnologias são um grande potencial ainda pouco explorado pelas igrejas brasileiras, entretanto, ela é fundamental para transmitir a palavra de Deus ao mundo e proporcionar melhor qualidade e interação nas relações com a comunidade.

A empatia é expressa na cristandade, quando se busca chegar até as pessoas mostrando atenção e dando a importância de cada membro para a unidade do corpo, usando todos os meios necessários. Desta forma, as ferramentas digitais podem auxiliar

as igrejas a interagir com os membros, estimulando a participação, aprendizado e partilha do evangelho e valores de Jesus.

As igrejas que recorrem à tecnologia têm maior visibilidade e acabam tendo mais apelo com o público, principalmente o mais jovem. A tecnologia desempenha um papel fundamental, auxiliando a igreja: na melhoria dos relacionamentos entre membros, na organização dos ministérios, no propósito de alcançar novas pessoas e, no crescimento qualitativo e quantitativo.

À medida que a igreja cresce, ela precisa de ajuda para gerenciar suas equipes, finanças, eventos, cursos e elementos de serviço. Nesse sentido, as ferramentas digitais podem favorecer às organizações religiosas a alcançarem audiências mais amplas e se organizarem eficazmente e otimizada. Alguns benefícios da tecnologia para as igrejas serão observados neste trabalho, como: aproximação entre membros; aumento do alcance e acessibilidade; automatização de processos; melhoria na eficiência e interação entre a membresia e liderança.

O USO DAS FERRAMENTAS DIGITAIS NAS IGREJAS EVANGÉLICAS

A fé cristã caracteriza-se pela comunidade eclesial que identifica a experiência das comunidades na vivência do seguimento de Jesus Cristo. No mundo digital, na era virtual, identifica-se uma nova maneira de ver e viver o “novo mundo” que vai nascendo. Noções como tempo, espaço, comunidade, presença e participação tão centrais ao contexto religioso, vão sendo reconstruídos e readaptados a uma nova configuração social. Para Altemyer (2011, p. 11) cabe ao cristão, a escolha, a interpretação e o uso dos dados oferecidos.

Diversos grupos religiosos, especialmente os neopentecostais, em meados da década de 1980, inspirados pelos programas dos pastores Pat Robertson, Billy Graham, Rex Humbard, entre outros, perceberam na mídia eletrônica um excelente canal para difundir seus princípios. De acordo com Da Silva (2015, págs. 65-77), isso ocorreu porque as igrejas neopentecostais foram criadas nessa era das mídias, diferentemente das tradicionais, ou como são chamadas: “igrejas históricas”, que agora estão tendo uma percepção de como os processos mediáticos ocorrem e como podem ser favoráveis.

No início da internet, muitos ministérios começaram a postar mensagens informativas e semelhantes a sermões aos visitantes. Ao longo dos anos, esse método de ensino evoluiu na forma de vídeo, podcasts de áudio e blogs. Um estudo de 1996 recomendou que as organizações da Igreja estabelecessem rapidamente sua presença no ciberespaço, ou perderiam contato com muitos de seus membros e arriscariam perder a capacidade de aconselhá-los em uma era de crescimento tecnológico. Eles foram essencialmente instados a estabelecer uma presença eletrônica antes que fosse tarde demais. Se eles não tivessem feito sua presença conhecida, a influência da Igreja poderia ter sido perdida para grupos religiosos não oficiais.

O número de evangélicos no Brasil cresce a cada ano, dados confirmados a cada censo. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2010, o Brasil tinha mais de 42 milhões de evangélicos e entre 2002 e 2012, o número cresceu 61,4% no país. Ao mesmo tempo, mais da metade da população brasileira ganhou acesso à internet, tornando os chamados influenciadores cristãos bastante conhecidos.⁸

Na mesma rapidez, o perfil do evangélico médio mudou muito nos últimos 20 anos. Se na década de 90 eram considerados à margem da sociedade em alguns aspectos, alienados, em razão de uma doutrina, que evitava misturar o profano com o sagrado, inclusive evitando a mídia televisiva (como ver novelas e programas de TV), hoje quase a totalidade, estão conectados à internet.

Para Assmann (1986, p. 25), nesse momento, as igrejas evangélicas se renderam à tecnologia dos microfones e amplificadores de som e, recentemente, em alguns casos, desenvolveram verdadeiros estúdios de sonoplastia com transmissão de cultos pela TV ou pela internet. Foi-se a época em que os cânticos eram encadernados ou colocados em lâminas para retroprojetores. E, durante os sermões, já se vê o emprego de imagens que auxiliam na elaboração e transmissão das mensagens.

O Instituto Barna, organização norte-americana especializada em pesquisa focada na interseção entre fé e cultura, realizou uma pesquisa com pastores evangélicos nos Estados Unidos que mostrou o crescimento da influência da rede mundial de computadores sobre como eles conduzem suas igrejas e elaboram seus sermões, concluindo que o futuro da igreja cristã passa pela internet, apresentando os seguintes dados:⁹

Atualmente, 13% dos pastores entendem que o meio virtual vem sendo uma maneira de “espalhar heresias e distorcer o cristianismo”, porém há potencial para “espalhar o cristianismo autêntico”. Há 15 anos, esse número era de 17%, mostrando queda da desconfiança sobre o uso da web para evangelizar;

Segundo a maioria dos pastores, 55% das igrejas, precisam ter um site com um bom conteúdo e boa relevância a fim de apresentar um desempenho significativo. Porém, 15 anos atrás esse número era de somente 26%, ou seja, cada vez mais os pastores compreendem a importância não só de criar um site para a igreja, mas também de produzir informações relevantes para o endereço virtual da sua comunidade.

8 Temos uma análise do maior instituto de pesquisa do Brasil - IBGE, apresentando um dado significativo dos evangélicos no Brasil. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/mf-press/2020/02/07/mf_press_economia_economia,1120311/a-nova-cara-dos-evangelicos-no-brasil-conectados-a-internet-influent.shtml. Acesso em 20/11/2023.

9 O Instituto Barna é especializado na pesquisa do comportamento das igrejas evangélicas na rede. Disponível em: <https://churchtechexpo.com.br/internet-e-o-futuro-das-igrejas-evangelicas-aponta-estudo/>. > Acesso em 20/11/23.

Para 55% dos pastores, o uso de textos, vídeos, MP3 e outros conteúdos distribuídos gratuitamente é visto como uma boa maneira de reduzir os gastos da igreja, o que seria um tipo de investimento. Em 2000, só 31% pensava dessa forma.

Atualmente, 47% dos pastores acredita que há uma tendência crescente quanto ao número de pessoas que preferirão manter contato com a fé somente através da internet daqui a alguns anos. Dentro desse contexto, 11% dos líderes evangélicos pensam não haver como impedir que isso seja realidade, enquanto 17% acreditam que isso jamais entrará em prática. Contudo, a 15 anos atrás o número de pastores que pensava que não seria possível que as igrejas tivessem pessoas que frequentariam através da internet, online, era de 26%.

Estudando essa questão dentro do ponto de vista teológico, 89% dos pastores que foram entrevistados acreditam que não há problema algum que isso aconteça. Pensam que é “teologicamente aceitável” que o público busque “assistência à fé” por meio da internet. No ano 2000, os que acreditavam nisso era exatamente o contrário: 78% acreditava que seria inaceitável a partir da visão teológica que houvesse uma espécie de comunhão online.

Uma amostra é o fato de 39% das pessoas terem admitido que, de alguma forma, eles mesmos já praticaram isso em alguma hora. Há 15 anos, somente 15% das pessoas entrevistadas admitiam fazer uso da internet com a intenção de serem edificadas espiritualmente.

No Brasil, além das grandes igrejas neopentecostais (IURD, Mundial, Renascer, Internacional da Graça de Deus, etc.) que utilizam a internet para diversos fins, em especial o crescimento quantitativo do número de seus fiéis, observamos algumas comunidades e igrejas reformadas/históricas que estão usando as ferramentas digitais, não apenas para o crescimento, essa constatação se deu pela análise de sua divulgação no site e das mídias sociais que elas utilizam na rede, vejamos:

- ♦ Igreja RED-SP utiliza as seguintes mídias sociais: *Facebook; Instagram; Spotify; Youtube;*
- ♦ IBAB (Igreja Batista Água Branca-SP) utiliza as seguintes mídias sociais: *Facebook; Twitter; Youtube;*
- ♦ Igreja Amor em Movimento-SP utiliza as seguintes mídias sociais: *Facebook; Instagram; Youtube;*
- ♦ Igreja Batista do Morumbi-SP utiliza as seguintes mídias sociais: *Facebook; Instagram; Spotify; Youtube;*
- ♦ IBAVIVA (Igreja Batista Água Viva-SP) utiliza as seguintes mídias sociais: *Facebook; Instagram; Spotify; Youtube;*

- ♦ IBVA (Igreja Batista de Vilas do Atlântico-BA) utiliza as seguintes mídias sociais: Facebook; Instagram; Spotify; Youtube.

Há nessa amostragem um padrão de mídias sociais que elas utilizam como recurso, é importante destacar, que não foi feita uma verificação *in loco* se há uma coerência entre o discurso e a prática divulgada nos sites, uma vez que delimitamos o nosso objeto de estudo para a verificação *in loco*, de uma igreja local, no caso específico a Igreja Batista de Vilas do Atlântico localizada em Lauro de Freitas-BA e no qual iremos fazer uma análise qualitativa das informações e dados que iremos apresentar.

No entanto, ficou evidente, neste recorte, que ao usar as mídias sociais, não apenas para a promoção de eventos e atividades, a igreja pode usar como um meio para: A Evangelização e Missão; Compartilhamento da Palavra de Deus; Ensino e Discipulado; Envolvimento com a comunidade local e virtual; A Defesa da Fé; e principalmente a conexão com Novas Gerações.

Deixando de lado o deslumbramento por um crescimento mediático na rede, é importante manter a integridade e os valores cristãos, promovendo uma mensagem de amor, compaixão e respeito. Além disso, a igreja deve estar atenta à sua responsabilidade de fornecer orientação espiritual de forma cuidadosa e sensível em qualquer lugar que ele esteja tenha acesso, inclusive no mundo digital.

As novas tecnologias e o mundo digital são fontes de grandes perspectivas, uma vez que: ampliam o conhecimento sobre diversos temas, e contribuem para a informação ser processada e atualizada com rapidez, difundindo pela malha virtual global com facilidade, ou seja, disponível em qualquer lugar.

À primeira vista, a cultura digital é positiva, pois ela indica um universo mais rico, mais interconectado e interativo, no entanto, essa realidade não dispõe de uma linha diretriz ou sistemática que organize a enorme massa de dados, ou assegure a veracidade dos dados disponibilizados na rede, apresentando-se como um meio um tanto caótico.

Por isso, tanto as questões teológicas mais profundas e complexas, como os fundamentos da fé, podem ser afetados, por essa pretensa liberdade de expressão, que a cultura virtual e seus mecanismos de interação, como as ferramentas digitais, podem propor, podendo não apenas colocar em xeque os preceitos mais dogmáticos presentes nas religiões, especialmente cristã, como colocar grandes desafios para a compreensão da fé cristã, por isso deve haver por parte das lideranças locais um cuidado não apenas com a formação básica dos fiéis, mas também como uma educação virtual, que oriente o melhor uso da rede (internet).

A igreja, na pós-modernidade, deve confrontar a fé cristã com a realidade da cibercultura. O Cristianismo também se compreende universal ao oferecer um sentido a toda a realidade e a toda a História, mas enquanto oferecido na liberdade, não é um

universo imposto, e enquanto respeita a diversidade cultural não é um universo que generaliza e descontextualiza, embora em sua história nem sempre tenha sido assim.

Destaca-se que a pandemia do *coronavírus* também teve um papel importante no *boom* das igrejas evangélicas no Brasil, que passaram a investir na compra de equipamentos e dominar tecnologias como: a transmissão de cultos online; *podcast* e *lives* de oração

O uso das redes sociais foi a melhor estratégia, principalmente durante o tempo da quarentena, onde os cultos públicos foram cancelados, mesmo após a pandemia, uso das redes sociais permaneceram, haja vista que a igreja conseguiu atingir um filão de seguidores que não alcançava antes. Muitas igrejas e pastores tiveram de se reinventar através do uso das Mídias e Redes sociais.

Desta forma, pós-advento da pandemia - o evangelho do reino de Deus foi sendo disseminado no Brasil com mais ênfase. Muitas igrejas colheram frutos de pessoas, que foram salvas neste período e através destes instrumentos digitais, e foram batizados e integrados na igreja no pós-pandemia. O Deus Soberano continua extraindo o melhor do pior.

Não importa as épocas ou estações, a igreja deve usar de todos os recursos para cumprir o seu chamado de levar o Evangelho do Reino de Deus, até os confins da terra, cumprindo uma das ordens de Jesus: “*Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura*”. Assim, o Evangelho precisa ser anunciado, comunicado. O mundo precisa saber da “boa notícia”. Os cristãos precisam utilizar as fontes lícitas e convenientes para proclamar o reino.¹⁰

CONCLUSÃO

A construção do presente trabalho possibilitou a análise do mundo digital no contexto da igreja local, e como ela usa os instrumentos das redes sociais para propagar o Reino de Deus, e de que forma, isso influencia a práxis pastoral no acompanhamento junto a comunidade da fé.

A análise do conceito de Reino de Deus que fizemos, através de um esforço exegético e hermenêutico, tinha primordialmente, o condão de apresentar um estudo teológico sobre o tema, mas esse objetivo foi ampliado, uma vez que nos possibilitou identificar as características e natureza do Reino de Deus, e também como de forma prática uma igreja local, objeto deste estudo na contemporaneidade, usa as ferramentas digitais a sua disposição para propagação do evangelho do reino.

10 11 ALMEIDA, João Ferreira de. A Bíblia Sagrada. Marcos 16: 15. Revista e atualizada no Brasil. 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010

Neste sentido, o estudo das métricas das redes sociais é relevante, uma vez que essas ferramentas passaram a ser mais utilizadas durante a pandemia e seu uso se manteve constante, e teve reflexos na liturgia do culto e prática pastoral, fortalecendo o entendimento que a igreja local deve se posicionar como servidora da humanidade, buscando entender a cultura e ciência da sua época, visando um diálogo e atualização doutrinal e institucional, assumindo uma posição secular-dialógico, ou seja, secular, pois a Igreja assume o mundo como lugar teológico; e dialógico, porque busca o diálogo entre o mundo contemporâneo e o cristianismo.

Isso acontece na medida que a igreja entende o seu papel, afinal ela não é o Reino. É uma sucursal do Reino. Em sentido restrito, a Igreja é um dos endereços do Reino. O Rei Jesus em comunhão com o Pai e o Espírito, dá expediente todos os dias na igreja. No entanto, a igreja nasce da *Koinonia*, e por isso deve atender as necessidades básicas dos seus membros. Ela é quartel e família. Como quartel, treina os súditos para a realidade que o cerca do mundo natural e espiritual, e como família deve ensinar a prática do amor e solidariedade.

Desta forma, quando uma igreja disponibiliza o seu endereço virtual, e as redes sociais, tanto está utilizando essas ferramentas para cumprir o seu papel de ser anunciadora do Evangelho do Reino de Deus para o mundo, quanto para ser um lugar de guarita de seus fiéis, pois ali há um direcionamento das ações táticas e estratégicas que estão acontecendo em tempo real, ou seja, está sendo quartel atendendo as necessidades de preparação e fortalecimento, e família - quando disponibiliza um canal de direcionamento e de unidade de propósito.

Para aumentar o engajamento nas redes sociais é relevante: apresentar um conteúdo visual atraente, utilizando imagens e vídeos atraentes para chamar a atenção; um conteúdo interativo, realizando enquetes, perguntas e desafios que incentivem a participação; mensagens relevantes que abordem temas atuais para a vida dos jovens.

Pode-se também utilizar *hashtags*¹¹ populares, que estejam relacionadas aos temas da igreja, estando presente em várias plataformas de redes sociais, em alta como: TikTok, Snapchat e outras populares entre essas gerações; colaborar com influenciadores ou figuras locais que seja relevantes para os jovens; incentivar a participação ativa dos membros, como testemunhos, fotos de eventos, etc.; apresentar elementos de gamificação: criando desafios, recompensas e reconhecimento para aqueles que estão mais envolvidos; criar conteúdo conciso e fácil de consumir, adequando-se ao estilo de comunicação rápido e direto dessas gerações.

11 Hashtag é um termo associado a assuntos ou discussões que se deseja indexar em redes sociais, inserindo o símbolo da cerquilha (#) antes da palavra, frase ou expressão. Quando a combinação é publicada, transforma-se em um hiperlink que leva para uma página com outras publicações relacionadas ao mesmo tema.

Ao implementar essas estratégias, a igreja pode criar uma presença online mais eficaz e envolvente para a gerações Alpha e Z. É importante estar atento às mudanças nas preferências desses grupos e adaptar as estratégias conforme necessário.

Nota-se, que não há espaços onde a igreja não possa estar, se for mantida o respeito a palavra de Deus, a ética e a moral cristã.

Destaca-se, que das três funções pastorais, o aconselhamento tem sido a mais demandada nos últimos tempos, sobretudo durante e depois da pandemia, em razão dos problemas emocionais, internos e de família que assola o mundo atual.

Podemos observar que sociedade pós-moderna apresenta um novo paradigma, uma nova economia, uma nova cultura (cibercultura), uma nova identidade (virtual) e uma nova organização (mundo digital), desta forma exige também uma nova forma de atuar da Igreja, ou seja, uma Igreja que saiba transmitir as verdades antigas, mas nunca ultrapassadas, do Evangelho do Reino de Deus, com uma linguagem nova, a fim de ser compreendida por todos.

As pessoas hoje esperam uma Igreja que caminhe com elas, oferecendo escuta ativa e testemunho, como Jesus fez com os discípulos de Emaús, por isso o povo de Deus deve procurar novas estradas para o anúncio criativo do Evangelho, usando todos os meios digitais disponíveis, e mais que isso, uma Igreja que sai de si mesma e caminha com o povo, mesmo que seja no mundo digital.

Neste sentido, o esforço desde estudo e dos resultados apresentados, foi também de mostrar, que o mundo digital deve servir a causa da fé, instrumento, e jamais ser meio de afastamento.

A rede não é constituída apenas por vias virtuais, pois antes do @, existem pessoas únicas, que ao se conectarem, precisam encontrar ambientes sadios, norteados pela moral e ética cristã. Desta forma, a igreja local, mesmo com seu endereço virtual, deve não apenas ocupar os espaços digitais, mas também entender os processos, fundamentos e ciência que os norteiam, para propor mudanças que beneficiem a todos. – Buscando levar todos a conhecerem o novo e vivo caminho em Cristo Jesus.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Ferreira de. **A Bíblia Sagrada**. Marcos 16: 15. Revista e atualizada no Brasil. 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010
- ALTEMEYER, Fernando Junior; BOMBONATTO, Vera Ivanise. **Teologia e Comunicação: corpo, palavra e interfaces cibernéticas**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 11.
- ARAÚJO, Rosivaldo de – **O Alvo Supremo do Cristianismo: Uma teologia bíblica do Novo Testamento** – Salvador: Editora Obra Santa, 2011.
- ASSMANN, Hugo. **A Igreja eletrônica e seu impacto na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 25.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Edição em Língua Portuguesa, Nova Edição, revista e ampliada - Ed. Paulus, 2020.
- BONNEAU, **Profetismo e instituição no cristianismo primitivo**, Ed. Paulinas, 2003.
- BRUSTOLIN, Leomar Antônio. O senso religioso na era digital: a nova ambiência da fé. **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião** (Online), 2016, pg. 512. Disponível em: < https://meriva.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/14888/2/O_SENSO_RELIGIOSO_NA_ERA_DIGITAL_A_NOVA_AMBIENCIA_DA_FE.pdf>
- BAITELLO, N. LOPES, Maria Immacolata Vassallo de, e, KUNSCH, Margarida Maria Krohling (org.). **Comunicação, cultura e mídias sociais**. São Paulo: ECA-USP, 2015.
- CAMPOLINA, CINDY. **4 ferramentas tecnológicas essenciais para igrejas**. Publicado em 04/12/2019. Disponível em: < <https://blog.e-inscricao.com/4-ferramentas-tecnologicas-essenciais-para-igrejas/>>
- COUTO, António. O Reino de Deus no pensamento de D. António Ferreira Gomes. **Humanística e Teologia**, v 3, pág. 379-388, 2006.
- DA SILVA, Aline Amaro. Teologia e comunicação digital: A nova evangelização dos nativos virtuais. In: **Anais do Congresso Estadual de Teologia**. 2013. p. 80-89. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/teologians/article/view/178/140>>
- DA SILVA, Cristiomar; NALINI, Lauro Eugênio Guimarães. Religião e Mídias Sociais: a disseminação do discurso religioso no Facebook. **Revista Panorama-Revista de Comunicação Social**, v. 5, n. 1, p. 65-77, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.18224/pan.v5i1.4326>>
- FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual**. Vida Nova, 2007.
- FOBE, Jean-Luc. Exegese e hermenêutica do Reino de Deus no Antigo Testamento. **Revista Batista Pioneira**, v. 8, n. 1, 2019.
- HORSLEY, Richard A. **Jesus e o Império: o Reino de Deus e a Nova Desordem Mundial**, Paulus Editora, 2004.
- LEITE, Marcos Teixeira et al. **Os batistas nacionais: perspectivas históricas e teológicas**. 2016.

- LOTT, Yuri Monnerat; CIANCONI, Regina de Barros. Vigilância e privacidade, no contexto do big data e dados pessoais: análise da produção da Ciência da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 23, p. 117-132, 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362018000400117&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 30 out. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/3313>.
- KOSINSKI, M; STILLWELL, D; GRAEPEL, T. **Private traits and attributes are predictable from digital records of human behavior**. Proc Natl Acad Sci USA. 2013; 110 (15): 5802-5805. doi: 10.1073 / pnas.1218772110. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3625324/pdf/pnas.201218772.pdf>>
- MELO, Eli Dias de. **O Viajante em Busca do Novo Mundo**. Ed. Paths of Life Edições, 2010.
- MELO, Eli Dias de. **Reino de Deus e Política dos Homens**. Ed. Paths of Life Edições, 2013.
- MOLTMANN, Jürgen. **A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida**. São Paulo: Loyola, 2002.
- MORRIS, Leon. **Comentário Bíblico: Mateus**. Mundo Cristão, 2012.
- NASCIMENTO, Jeverson. Cristianismo tecnológico: As igrejas evangélicas E as novas tecnologias. **Revista Eletrônica Espaço Teológico.**, v. 12, n. 22, p. 63-77, 2018. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/35794/27647>> Acesso em 04/11/23.
- NETO, Willibaldo Ruppenthal. O Reino de Deus na Pregação de Jesus. **Via Teológica**, v. 21, n. 42, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/179/254>> Acesso em 15/11/2023.
- PINHEIRO, PatriciaPeck. **Direito digital**. Saraiva, 2009.
- RYRIE, Charles. **Teologia Básica ao Alcance de todos**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2004, pg. 460.
- RODRIGUES, Jerônimo. **Resultados digitais**. Tudo o que você precisa saber sobre Redes Sociais. Publicado em 24/03/2023. Disponível em: <<https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais/>>
- SCHNACKENBURG, Rudolf. **O Evangelho Segundo São Mateus**. Paulus, 2007.
- SIQUEIRA, Ethevaldo. **Para compreender o mundo digital**. Globo Livros, 2008. Pg. 11. Disponível em < https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=RIOSJmJGyO0C&oi=fnd&pg=PA9&dq=SIQUEIRA,+Ethevaldo.+Para+compreender+o+mundo+digital.+Globo+Livros,+2008.+Pg.+01&ots=pHcTkGGstd&sig=fHiD5KgZZsPYQZxM6Mcggvs6jBM&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false> Acesso em 02/11/23.
- SOBRINO, Jon. **Jesus Cristo Libertador**. Paulinas, 2000.
- SOUSA, Thamiris Magalhães de. **Igreja Católica no mundo digital: as tensões entre discurso e prática da Igreja na era da internet e as redes de relacionamento do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, como fenômeno de midiatização**. 2013.

SPADARO, Antonio. **Ciberteologia: Pensar o Cristianismo nos tempos da rede.** São Paulo: Paulinas, 2012.

SPROUL R. C. **Os Últimos Dias Segundo Jesus.** Editora: Cultura Cristã, 2019.

VALENTIM, Gilson Souza; LINDEN, Gerson Luis. Hermenêutica aplicada ao estudo da escatologia bíblica: a contribuição de Santo Agostinho no debate a respeito do milênio. **Revista de Iniciação Científica da ULBRA**, n. 3, 2004.

ZACARIAS, William Felipe. **O Reino de Deus |João 18.33-37. Domingo Cristo Rei.** Publicado em: 21/11/2021. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/textos/reinodedeus>> Acesso em: 11/06/2023